

SIMPOSIO TEMÁTICO 1

MUNDO DA VIDA E DA ARTE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

Coordenadores:

Ernani Mügge (UFRGS / Feevale - PNPd-Capes)

Adna Candido de Paula (UFJF - UFVJM-Campus JK)

Cristine Gorski Severo (UFSC)

22/08/2017 – TERÇA-FEIRA

15:30 – 17:30 – Prof.^a Dr.^a Cristine Gorski Severo (UFSC)

7140 - A ANTROPONÍMIA FICCIONAL: O CASO DOS NOMES DOS PERSONAGENS DE OBRAS LITERÁRIAS

Kleber Eckert (IFRS)

O tema do presente trabalho é uma abordagem interdisciplinar entre a literatura brasileira e as ciências do léxico, especificamente a onomástica - ciência que estuda os nomes próprios - e, dentro desta, a antroponímia, que é a parte dedicada ao estudo dos nomes próprios de pessoa. O objetivo principal é analisar em que medida os autores de obras literárias relacionam o significado dos nomes de seus personagens à descrição física e/ou comportamental que eles apresentam no desenvolvimento do enredo. Além disso, objetiva-se também apresentar um histórico acerca do nome próprio de pessoa nas sociedades ocidentais, bem como estabelecer as diferenças entre as escolhas dos nomes dos personagens das obras literárias e as escolhas que, atualmente, os pais fazem para nomear os seus filhos. Este trabalho está fundamentado a partir de autores que discutem a questão do nome próprio de pessoa, como Dauzat (1950), Guérios (1973), Mexias-Simon e Oliveira (2004), Marcato (2009) e Mioranza (2009). Quanto à metodologia, selecionaram-se algumas obras de Graciliano Ramos e as obras indianistas de José de Alencar, as quais foram lidas com atenção, os nomes foram destacados e seu significado foi buscado em dicionários de nomes e sobrenomes, além de se estabelecerem relações entre o significado dos nomes e as características e as ações dos personagens. As principais conclusões a que se chegou foi que, nas obras analisadas, a escolha dos nomes não se dá aleatoriamente ou motivado por modas onomásticas ou por serem agradáveis foneticamente, assim como tem ocorrido nas sociedades ocidentais atuais, e sim, porque há, por trás dos nomes escolhidos pelos autores, uma motivação antroponímica específica, ou seja, o significado do nome escolhido para o personagem tem uma estreita relação com as suas características físicas ou comportamentais.

Palavras-Chave: Onomástica. Antroponímia ficcional. Nomes próprios. Personagens. Literatura brasileira.

7322 - ANTON TCHÉKHOV - SEM TRAMA E SEM FINAL

Leonardo Josef Schifino Wittmann (PUCRS)

O artigo toma como base o livro *Sem trama e sem final*, de Anton Tchekhov, para expor e desenvolver alguns conceitos apresentados pelo escritor russo. Ao mesmo tempo, relaciona-os a outros autores e teóricos da literatura, como Sam Shepard, Philip K. Dick, Denis Diderot, Roland Barthes e John Gardner. Os tópicos examinados são os seguintes: 1 - O trauma de um escritor e de que maneira este trauma se espelha na sua obra e no seu estilo; 2 – As duas vivências possíveis de um autor: a vivência prática - onde ele escreve por meio das suas experiências físicas -, e a vivência “de biblioteca”, onde ele escreve por meio da literatura que consome/ consumiu; 3 - As diferenças entre um escritor de diálogos e um escritor de estruturas; 4 - A perda como incidente incitante de uma narrativa; 5 - Os sentimentos das personagens e a pieguice. Objetivos do trabalho: Discutir, por meio das ideias de Anton Tchekhov, de que maneira a vida de um escritor (com seus traumas, suas vivências e suas ideologias) interfere na criação da sua obra, tanto de maneira direta quanto indireta. O artigo é fundamentado, basicamente, por autores como Roland Barthes (“A preparação do romance”), John Gardner (“A arte da ficção”), Denis Diderot (“Discurso sobre a poesia dramática”), Sam Shepard (“Crônicas de motel”) e Philip K. Dick (“O caçador de andróides”). Resultados: Compreender como as experiências de vida influenciam na criação literária.

Palavras-chave: Criação Literária. Teoria literária. Escrita Criativa. Anton Tchekhov.

7301 - CORPO E LITERATURA: A VIDA COMO OBRA DE ARTE PARA YUKIO MISHIMA

Camila Ribeiro de Almeida Rezende (UFPR)

A proposta de comunicação parte da investigação da obra *Sol e aço* (1968) do artista japonês Yukio Mishima (1925-1970). Nesta obra, analisada sob a perspectiva de autorretrato literário, Mishima evidencia um questionamento principal: o que é o corpo? E perpassa as dicotomias artista/obra, arte/vida, ficção/realidade, corpo/mente. Traduzida e entendida por Paulo Leminski como ensaio filosófico, *Sol e aço* permite uma interpretação da vida de Mishima enquanto obra de arte. Aos 30 anos de idade, após consolidar sua carreira literária, Mishima começa a praticar o fisiculturismo a fim de contestar o pensamento metafísico que atribui uma importância maior à mente em detrimento do corpo. Buscando a profundidade da superfície e a intelectualização da carne, ele se modela ao longo de dez anos e se prepara para o seppuku (suicídio ritual da classe samurai), que ele executa em 1970 como obra final, evitando assim, o declínio do corpo e encarando a destruição como criação. A partir dessa

perspectiva, é possível identificar o seu projeto de fazer da vida uma obra de arte. Para Mishima, aquele que lida com as palavras pode criar a tragédia, mas não consegue participar dela. Sua intenção de colocar no mesmo patamar de importância a literatura e o corpo, o faz buscar a morte que, de acordo com ele, seria a única forma de unir corpo e pensamento e participar da sua própria “tragédia”. A beleza de sua literatura só estaria completa com sua morte dramática. A reflexão acerca da vida e obra deste artista permite um esgarçamento dos limites entre a vida e a obra de arte, evidenciando o questionamento de Maurice Pinguet: “Mishima morreu como escritor, ou como soldado”.

Palavras-Chave: Arte. Fisiculturismo. Escrita. Escultura. Corpo.

7351 - JOSEPHINE KING: PINTURA DIÁRIO

Flávia de Paiva Paula Damato (UFJF)

O presente artigo tem por objetivo analisar a obra da artista inglesa Josephine King, em sua produção pictórica na qual delimita um novo espaço, o da palavra. Aos 40 anos, depois de mais uma tentativa de suicídio, King decide pintar autorretratos que expõe suas angústias, seus sentimentos, enfim, sua vida, e insere margens com escritos que reforçam a narrativa de sua obra. Dessa forma, a pintura funciona como um diário, que esvazia Josephine de seus sofrimentos psíquicos e angústia diante da vida, e ao mesmo tempo há o prazer e o desejo de ser valorizada como artista e pessoa. Para o desenvolvimento da fundamentação teórica, teremos o respaldo do documentário Josephine King, de Carmem Maia e Gustavo Rosa de Moura. Neste, a artista relata sua vida, a convivência com o sofrimento mental e sua relação com a pintura, posicionando sua criação artística como recurso para sua sobrevivência, segundo King, “enquanto estiver pintando estarei viva”. Como metodologia analisaremos conceitos de alguns autores que serão importantes para absorver a obra de King, tais como Peter Pál Pelbart, Foucault, Agamben, Deleuze e outros que serão visitados quando necessário. Destacaremos a interface entre arte, loucura e vida, como resultado, entendendo esta como um espaço artístico, o que nos possibilita olhar as obras não pela via da doença e sim pela poética artística instaurada.

Palavras-chave: Subjetividade. Narrativa. Processo Criativo.

7422 - O USO DO PSEUDÔNIMO EM GEORGE ELIOT: SEPARAÇÃO DO MUNDO DA ARTE E DO REAL

Monica Chagas da Costa (UFRGS)

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar como o uso do pseudônimo, no caso de George Eliot (Mary Ann Evans), funcionou como uma ferramenta de definição de um projeto estético específico. Eliot foi uma das escritoras mais importantes da Inglaterra do século XIX – seu romance *Adam Bede* recebeu um

dos contratos de publicação mais lucrativos do mercado livreiro até então. No entanto, sua vida pessoal foi bastante turbulenta – desde a escolha de morar sozinha em Londres até seu relacionamento com G. H. Lewes. Em diversos ensaios, antes mesmo de produzir ficção, Eliot define a moralidade como uma das características mais importantes da produção artística. Para os padrões da época, portanto, seu comportamento pessoal se desvia consideravelmente do que era considerado padrão. A invenção da figura de George Eliot resulta, desse modo, em uma separação entre os aspectos mundanos da vida de Mary Ann Evans e sua atuação como escritora. Ao ressaltar os momentos de sua biografia em que o uso de diferentes nomes demonstra seus diferentes papéis sociais, é possível entender como Evans utiliza seu pseudônimo como uma barreira entre sua vida pessoal e artística. Ao mesmo tempo, no decorrer da análise de seus textos ensaísticos, seu projeto estético, que se apresenta apenas sob seu pseudônimo, é delineado.

Palavras-chave: George Eliot. Pseudônimo. Autoria.

7354 - DIÁLOGO ENTRE A FICÇÃO E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS EM CIDADE LIVRE

Juracy Ignez Assmann Saraiva (FEEVALE)

O romance de João Almino, *Cidade livre*, publicado em 2010, cujo lançamento coincidiu com as comemorações pelos cinquenta anos da fundação de Brasília, reconstitui, ficcionalmente, a construção da capital federal do Brasil. Duas são as bases sobre as quais se alicerça o processo de criação do romance: a correlação entre realidade empírica e universo ficcional e as reflexões de caráter metaficcional. A partir da primeira, o escritor reúne dados factuais e com eles compõe os elementos próprios de uma narrativa: o espaço, as terras desabitadas do Planalto Central; as ações, o trabalho de instalação da infraestrutura da nova cidade; os agentes, os operários, empresários e políticos que respondem pela edificação; o tempo, o período de 1956 a 1960, durante o qual a capital é construída e inaugurada. Entretanto, a narração que, pretensamente, reconstitui acontecimentos reais, mesclando-os ao poder da imaginação, conjuga-se a um movimento autorreferencial em que os paradigmas da ficção são postos em causa, emergindo a reflexão sobre a dinâmica da narrativa, vista como um processo cujas alternativas de execução são múltiplas. O presente artigo centra-se na análise da singular configuração do texto e na problematização de categorias, próprias da literatura, que ele discute, buscando estabelecer o paralelo entre a configuração do romance e os pressupostos críticos que o sustentam. A partir da concretização desse objetivo, que se fundamenta em pressupostos da Teoria da Narrativa e da Metaficção, conclui-se que, em seu romance, João Almino revela o ensaísta, que, entre as dobras da ficção, experimenta, discute e ilustra os processos que constituem a arte da narrativa.

Palavras-Chave: Produção e recepção do discurso. Construção de sentidos. Charge jornalística. Teoria bakhtiniana.

7361 - CAPITU: CULPADA OU INOCENTE? ANÁLISE SEMIÓTICA DA MINISSÉRIE DA GLOBO

Débora Bender (FEEVALE)
Juracy Ignez Assmann Saraiva (FEEVALE)

Capitu, personagem de Dom Casmurro, romance publicado em 1899, é uma das mais intrigantes criações de Machado de Assis, razão por que é alvo de frequentes releituras. Ainda que seja apresentada ao leitor pelo marido, que presume ter sido vítima de traição, Capitu permanece envolta em certo mistério, o que sugere diferentes interpretações. Sob esse aspecto, uma releitura da obra machadiana que não leve em consideração o fato de o texto ser apresentado sob o ponto de vista de Dom Casmurro, pode levar Capitu à condenação por adultério, uma vez que a dúvida do marido em relação à fidelidade da mulher norteia todo o processo de narração, levando também o leitor a suspeitar da personagem. Contudo, não é possível chegar a um veredito que absolva ou condene Capitu, pois o texto não permite que se chegue a uma conclusão, o que, provavelmente, o escritor pretendia. Diante disso, pode-se considerar a minissérie brasileira Capitu – produzida e apresentada pela Rede Globo em 2008, sob a direção de Luiz Fernando Carvalho – muito fiel ao texto original, justamente por fundamentar-se no olhar e na voz do narrador. Nesse sentido, esta comunicação procede a uma avaliação semiótica das imagens de Capitu, apresentadas na minissérie, para verificar como os signos atuam para caracterizar essa polêmica personagem. Além disso, averiguar-se-á se eles corroboram a visão do narrador e como operam para instalar a dúvida em relação à traição de Capitu. A análise fundamenta-se em estudos de Santaella, Saussure e Epstein, no que se refere à funcionalidade dos signos; nas concepções de Lotman e Bystrina relacionadas à semiótica da cultura; e na proposta de análise de imagens desenvolvida por Joly. Os procedimentos aplicados ao texto verbo-visual permitem concluir que a dúvida persiste em relação à culpabilidade de Capitu.

Palavras-chave: Capitu. Dom Casmurro. Signo. Semiótica da cultura.

22/08/2017 – TERÇA-FEIRA

15:30 – 17:30 – Prof.^a Dr.^a Adna Candido de Paula (UFJF – UFVJM-
Campus JK)

7211 - A LOUCURA CONSCIENTE EM HENRIQUE IV: ECOS DOS TEMPOS MODERNOS

Ândrea Quilian de Vargas (UFSM)

Henrique IV, peça teatral publicada em 1922, é um dos textos mais geniais de Pirandello em função da perfeita combinação entre reflexões filosóficas e uma intensa dramaticidade. Neste artigo abordamos dois níveis interpretativos que coexistem na obra: um relacionado ao drama burguês do final do século XIX e primórdios do XX, o qual compreende os conflitos individuais do homem moderno; outro que depreende a loucura como possibilidade de fuga dessa realidade desconcertante. Para analisarmos o caráter libertador da loucura em Henrique IV, partimos da noção do “louco” como “o conhecedor” das maiores verdades, ideia apresentada por Foucault em *História da loucura na idade clássica*. Henrique IV é uma personagem que opta por assumir a condição de louco ao dar-se conta de que sua existência estava resumida a um perpétuo baile de máscaras, um jogo cênico que dava forma a uma vida alicerçada no característico vazio da enfadonha rotina burguesa.

Palavras-Chave: *Henrique IV*. Pirandello. Loucura. Modernidade. Foucault.

7145 - DO MUNDO DA CIÊNCIA AO DA FICÇÃO: Um diálogo, não só possível, mas necessário

Margarete Jesusa Varela Centeno Hulsendeger (PUCRS)

Em *Sonhos de Einstein* (2014), o físico, escritor e ensaísta Alan Lightman, escreve um conjunto de pequenos contos apresentando trinta diferentes mundos, nos quais o tempo é o personagem principal. Na construção dessas narrativas o autor utiliza conceitos extraídos da ciência, da filosofia e, principalmente, da fantasia, criando universos que se assemelhariam, em muitos aspectos, ao mítico País das Maravilhas, de Lewis Carroll. Os mundos criados por Alan Lightman não estão identificados por nomes, mas por datas, abrangendo um período de dois meses – de 14 de abril até 28 de junho – de um mesmo ano, 1905. Esse recorte temporal só tem sentido para quem conhece o protagonista do que Lightman chamou “Interlúdios” – breves textos intercalados entre os contos –, o físico alemão Albert Einstein. No entanto, *Sonhos de Einstein* não é um livro sobre ciência, mas uma ficção repleta de imagens fantásticas, em alguns momentos bizarras, em outros extremamente belas, muito semelhante as cidades invisíveis criadas por Ítalo Calvino. Para conseguir esse efeito o autor estabelece um diálogo, não só entre textos e obras artísticas, mas também entre ideias de diferentes campos do saber. Portanto, neste artigo irá se analisar alguns desses mundos, procurando na apresentação dos contos

estabelecer relações não só com outras obras artísticas, mas também com ideias oriundas da ciência e da filosofia, demonstrando que todos os textos estão ligados de alguma forma, mesmo que essa não seja a intenção consciente do autor.

Palavras-chave: Intertextualidade. Tempo. Contos.

7220 - AS REPRESENTAÇÕES E DESCONSTRUÇÕES DO TEMPO NA LITERATURA DOS SÉCULOS XX E XXI

Kleber Kurowsky (UFSM)

Octavio Paz argumenta que com as guerras mundiais ocorre uma disjunção do ideal humano de tempo e atribui isso, principalmente, aos horrores do holocausto e o medo de uma hecatombe nuclear; o tempo deixa de ser visto como infinito, ele passa a ser limitado, pode acabar a qualquer instante. A partir de uma linha de pensamento semelhante, Walter Benjamin argumenta que os horrores da guerra de trincheiras contribuem para uma mudança significativa na maneira das pessoas contemplarem suas próprias existências: os soldados voltam mudos dos campos de batalha, já não querem mais falar do que viram: o tempo vivido deixa de ser narrado. Giorgio Agamben, herdeiro de Benjamin, declara que o homem contemporâneo, por mais que vivencie diversos eventos durante o dia, não consegue transformar nenhum deles em experiência, e atribui isso aos descompassos da humanidade contemporânea em relação ao tempo. Os reflexos desse olhar incerto sobre a relação humanidade-tempo podem ser sentidos em toda a arte do século XX e começo do século XXI. Já no período entre guerras, houve um questionamento do tempo por parte de T. S. Eliot, no poema "The Waste Land"; Jorge Luis Borges dedicou boa parte de sua obra a reflexões sobre o tempo, como em "O imortal" e "A Biblioteca de Babel"; no Brasil, Clarice Lispector pensou sobre o tempo em "Medo da Eternidade" e "O relatório da coisa"; mesmo nos quadrinhos o tempo foi problematizado, como em "Watchmen", por exemplo. No século XXI, o tempo continua a ser questionado, manifestando-se em autores como Neil Gaiman e Mia Couto. O objetivo da comunicação, portanto, é realizar um itinerário das causas e consequências que essa desestruturação do tempo pode ter na literatura e também em outras formas de arte, a partir de um diálogo entre a filosofia e a teoria literária.

Palavras-Chave: Filosofia. Literatura. Tempo. Teoria Literária.

7198 - OS RETRATOS LITERÁRIOS-PICTÓRICOS DE HUYSMANS E DE PROUST: A POSSIBILIDADE DE UMA TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA PARA A PINTURA

Caroline Biasuz (UFSM)

A relação entre as diferentes linguagens artísticas é sempre terreno fértil e abundante de estudos e possibilidades. A intermedialidade, enquanto relação

entre as diferentes mídias ou linguagens, aponta uma sinergia possível: da interação entre diferentes meios expressivos são criados novos seres que passam a respirar no mundo. Nesse trabalho, realizamos uma breve pesquisa sobre a inter-relação entre as linguagens literária e pictórica, seus possíveis diálogos e resultados. Nos romances

Às avessas, de Huysmans e *Em busca do tempo perdido*, de Proust, investigamos de que maneira a linguagem pictural e seus instrumentos peculiares atuaram como uma espécie de elemento semiótico criador para a narrativa literária, evidenciando a articulação entre esses discursos distintos, na construção/retratação de alguns de seus personagens. A partir dessa constatação, através da análise de caráter qualitativo e investigação bibliográfica, recortamos, observando a ênfase literário-pictórica, trechos de descrições de dois personagens de cada obra, com o intuito de fazermos aludirem no mundo físico, pictoricamente, através da tradução intersemiótica, essas personas que permeiam e habitam nosso imaginário mental a partir da leitura dos livros. Além da evidenciação das diferentes e produtivas correspondências entre literatura e pintura, o resultado também efetuou-se quando das traduções/transposições criativas dos personagens, da literatura para a pintura, guiadas pelas peculiaridades pictóricas-descritivas (écfrases) dos trechos literários correspondentes. O embasamento teórico dessa investigação debruçou-se em textos sobre a intermedialidade, a tradução intersemiótica e as relações entre Literatura e Artes Visuais, de autores como Claus Clüver, Julio Plaza, Mario Praz, assim como os estudos sobre as interartes de Thaís Flores Nogueira Diniz, Liliane Louvel e Vera Casa Nova.

Palavras-Chave: Literatura. Pintura. Intermidialidade. Tradução intersemiótica.

7527 - TRANSCULTURAÇÃO E BILINGUAJAMENTO NOS TEXTOS DE GLORIA KIRINUS

Daiane Lopes (UFRGS)

Neste estudo, promovemos a apreciação estética de obras que evidenciam a importância da afirmação identitária de uma voz que se reconfigura na interação entre culturas. Analisamos, assim, os textos infantis bilíngues de Gloria Kirinus, escritora peruana radicada no Brasil. Utilizando os exemplos de suas produções, demonstramos como o conceito de linguajamento/bilinguajamento, na visão de Mignolo (2003), permeia o cenário de textos poéticos que promovem o diálogo entre culturas: a peruana e a brasileira. Objetivamos, então, discutir o conceito de transculturação, adequando-o aos princípios de Ortíz (1985) e de Rama (1975) e às manifestações artísticas de Kirinus. Dentre elas, está a escrita bilíngue, avaliada a partir da interação cultural que a produção literária da autora possibilita. Ao aproximar dois idiomas de forma poética e em textos direcionados ao público infantil, Gloria consegue mesclar as memórias de sua própria infância, que foi desfrutada no Peru, com as suas observações relativas ao processo de estar criança no Brasil. Nessa perspectiva, a partir de seu olhar para a infância, Kirinus transmite ao receptor de seus textos a possibilidade de adentrar outra cultura a partir da já vivenciada. Suas obras invadem as fronteiras entre o autor e o receptor, entre uma língua e outra, entre culturas, entre identidades, entre

poema e narrativa. A criança, portanto, é tida como um sujeito protagonista de suas ações, capaz de conhecer outras formas de interação, sobretudo, culturais e linguísticas. Essa voz, conivente com o ser criança, traz para o texto a possibilidade do pensar com em vez do pensar por ou sobre as pessoas e suas culturas de pertencimento.

Palavras-chave: Literatura infantil. Bilinguajamento. Transculturação.

23/08/2017 – QUARTA-FEIRA

15:30 – 17:30 – Prof.^a Dr.^a Adna Candido de Paula (UFJF – UFVJM-
Campus JK)

**7421 - EM BUSCA DA LIBERDADE: A MULHER REVOLUCIONÁRIA NA OBRA
A MULHER HABITADA, DE GIOCONDA BELLI**

Carla Regina Leiffeit (UNISC)
Eunice Piazza Gai (UNISC)

Este trabalho tem como principal intuito pesquisar uma temática voltada ao projeto de dissertação no mestrado em Letras. Nessa perspectiva, a obra de Gioconda Belli, uma escritora nicaraguense do século XX, vem ao encontro de assuntos pertinentes à contemporaneidade. A leitura do romance *A mulher habitada* levou-nos a pesquisar mais especificadamente sobre o feminino e o recorte histórico que enaltece a obra, levando em consideração ideias relevantes das personagens envolvidas na trama, como o amor pela sua pátria e a igualdade de gêneros. Ainda, pudemos observar a importância que a narrativa apresenta em relação à literatura escrita por uma mulher revolucionária e que influencia a visão feminina dentro da obra e na história da Nicarágua. Logo, percebemos a relevância que as experiências de Belli têm na escrita de seus livros. A leitura da obra segue uma perspectiva hermenêutica capaz de fazer uma escuta do texto. Consideramos estudiosos da hermenêutica como Hans-Georg Gadamer com o livro *Verdade e Método I*, que direciona historicamente essa voz no texto. Também, nesse aspecto, Richard Palmer, no livro *Hermenêutica*, faz uma abordagem significativa sobre a interpretação literária, além de Ernildo Stein, que, na obra *Aproximações sobre a hermenêutica*, faz um panorama de autores que estudaram e publicaram a respeito do tema.

Palavras-chave: Gioconda Belli. História. Mulher revolucionária. Hermenêutica.

**7232 - ENTRELACE DA CULTURA E DA ARTE EM *MEMÓRIAS DE MARTA*
(1988), DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA**

Elenara Walter Quinhones (UFSM)

A alta literatura sempre esteve imbuída de um valor estético, sendo pertencente aos domínios das artes. Assim, algumas obras formam um conjunto representativo do cânone literário, que é reiteradamente firmado e reorganizado através de manuais e compêndios escolares que indicam quais desses livros são possuidores de valor literário. Os textos que não se adequam aos padrões valorativos estabelecidos por uma tradição e definidoras desse cânone são marginalizados, como ocorreram com as obras de autoria feminina ao longo do século XIX e boa parte do século XX. Nesse paradigma conceitual, essa pesquisa tem por objetivo discutir a relocação, no contexto literário de obras de autoria feminina, em específico *Memórias de Marta* (1888), de Júlia Lopes de Almeida, não apenas a percebendo como objeto estético, mas ocorrendo uma transferência

dessa noção para uma concepção de literatura como produção estética-escritural. Os pressupostos teóricos que nos auxiliam nessa discussão perpassam a concepção valorativa abordada por Pierre de Bourdieu (1996), Terry Eagleton (2006) e sobre cânone literário de Constância Lima Duarte (1997) e Rita Terezinha Schmidt (2008). Essa pesquisa bibliográfica pretende resultar não apenas na ampliação e na revisão da historiografia literária tradicional, mas também, por consequência, no alargamento da percepção dos leitores que tiverem acesso a essa obra, redefinindo-a, para além da estética, como um objeto cultural.

Palavras-chave: Valor. Cânone. Memórias de Marta.

5925 - VIVER E ESCREVER: A FICCIONALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA – CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITURA CLARICIANA

Mônica de Jesus Lopes (PROMINAS)

“Viver e escrever: a ficcionalização da existência – considerações sobre a escritura clariciana” busca dispor em evidência uma Clarice que se constrói e se desconstrói ao longo da própria existência. Vêm à cena vida e obra amalgamadas sem, contudo, implicar investigação biográfica. Clarice Lispector transita por todos os textos que produz, assim como transita pela vida, aos moldes de *flâneur* a percorrer o universo interior de si e, em simultâneo, dos indivíduos. Capta o mais profundo do indivíduo que é flagrado na banalidade do cotidiano e, nos desvãos, anuncia e denuncia a complexidade humana. Neste artigo, registra-se a ficcionalização a qual a escritora se propõe desde a infância, onde fabulava estórias que não acabavam nunca. Viver literariamente sugere ser a única forma de continuar existindo: “Viver no mundo dos livros”. Esta investigação perpassa pela revisão bibliográfica de estudiosos e críticos literários que se debruçam sobre o fazer literário da escritora a exemplo de Benedito Nunes, Nádya Gotlib, Igor Rossoni entre outros.

Palavras-chave: Literatura. Vida. Ficcionalização.

7249 - VOZES FEMININAS DO PARANHANA: ESCRITORAS À SOMBRA, ESCRITOS À LUZ

Ana Claudia Nascimento (FACCAT)
Luciane Maria Wagner Raupp (FACCAT)

Na literatura, ao longo da história, sabe-se que as mulheres tiveram e ainda têm suas vozes silenciadas, em uma produção literária feita por e para homens, brancos e de estratos sociais privilegiados (LAJOLO, 1995; DALCASTAGNÉ, 2008). Nesse sentido, com vistas a agir localmente frente a esse cenário de exclusão, está em desenvolvimento o projeto pesquisa em andamento, intitulado “Cartografias literárias: vozes femininas do Vale do Paranhana”, que buscou respostas às seguintes questões: (a) Como se configura atualmente o sistema literário no Vale do Paranhana? (b) Quem são, o que escrevem, como escrevem e para quem escrevem as escritoras do Paranhana? (c) Existe uma identidade

temática e/ou estilística que permeia a produção escrita feminina contemporânea no Paranhana? (d) Quais são os fatores de silenciamento ou de projeção dessas escritoras? (e) Como tais escritos circulam ou se enclausuram? (f) Como a produção literária feminina do Vale do Paranhana se alinha aos estudos feminino e do feminismo? A fim de responder a essas perguntas, procedeu-se a uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. Como resultados parciais, a partir da análise de uma amostra de textos escritos por 16 mulheres da região, observou-se a predominância dos gêneros conto e crônica. Nesses escritos, observa-se a escrita confessional e ficcional, em que se (des)velam aspectos do cotidiano. Nesse jogo de revelar e velar das escritoras anônimas, à sombra do público, percebe-se não só a contemplação de diferentes aspectos temáticos, como também a adoção de diferentes estilos de escrita. Por meio da pesquisa, constata-se que algumas dessas vozes instauram diferentes experiências estéticas, inspiradas em outras vozes femininas mais conhecidas do público, ou, ainda, apresentam-se como dissonantes, configurando-se como renovadoras do ponto de vista estético.

Palavras-Chave: Produção literária. Escrita feminina. Feminismo. Sistema literário. Cânone literário.

7583 - PHRONESIS E AISTHESIS NA CONVERGÊNCIA ENTRE PENSAR, AGIR E SENTIR

Adna Candido de Paula (UFVJM)

Esta comunicação tem por objetivo partir da proposição de Paul Ricoeur de responder ao *problema do mal* com a convergência da tríade pensar, agir, sentir, a fim de refletir sobre o papel da imaginação naquilo que diz respeito ao trabalho de interpretação, para a realização da noção de *combate* ao mal. Trata-se de aproximar, com vistas a problematizar a convergência entre pensar, agir e sentir, a *phronesis* (sabedoria prática ou virtude da prudência) da *aisthesis* (compreensão pelos sentidos). Em “À la gloire de la phronesis”, Ricoeur retoma a noção de *phronesis*, do Livro VI da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, para discutir a releitura dessa obra por filósofos da moral contemporâneos. A partir da leitura desses filósofos, Ricoeur propõe a reabilitação do conceito. Trata-se de uma interpretação da noção de virtude da prudência retomando sua origem trágica, ao se recuperar a noção de *hybris*, como sabedoria dos limites, do equilíbrio. Nas obras dos citados filósofos da moral contemporâneos, há uma divisão entre as virtudes éticas e as virtudes morais, por um lado, e, as virtudes intelectuais e as virtudes dianoéticas (virtudes do pensamento – arte e *technè*), por outro. Essas diferenças entre as virtudes estabeleceram um sentido de *meio* e de *fim*, no primeiro caso, e o sentido de *regra* ou de *caso*, no segundo. Contudo, para Ricoeur, “se assim fosse, seria necessário ir até a oposição entre um ponto de vista francamente teleológico (meio/fim) e um ponto de vista potencialmente deontológico, a regra sendo assimilada por uma lei, no sentido quase kantiano. Isso seria um contrassenso se por acaso se propusesse a fazer da *phronesis* o fim do fim da moral aristotélica, ou mesmo grega”. Além de não concordar com essa divisão, Ricoeur também discorda da interpretação dada à proposição

central do Livro III, de acordo com a qual não se delibera os fins, mas os meios. Para Ricoeur, os meios, neste caso, não estão no sentido instrumental técnico da modernidade, mas são *meios* na qualidade de componentes relativos ao *fim*. Quanto à relação entre a regra e o caso, Ricoeur entende que a regra é tomada como o que é necessário seguir, aqui e agora, mas, quanto ao caso, trata-se de uma escolha inteligente. O foco desta comunicação é considerar, como fez Ricoeur, que uma vez que se entende a *phronesis* como inseparável do *phronimos* (homem prudente), incorpora-se, portanto, a *orthos logos* (razão reta), que faz a disposição (*hexis*).

Palavras-Chave: Phronesis. Aisthesis. Paul Ricoeur. Estética. Ética.

7182 - SCHWINDEL: A REPRESENTAÇÃO DO IRREPRESENTÁVEL EM SEBALD

Davi Alexandre Tomm (UFRGS)

Sebald explica, em uma de suas entrevistas, que as fotos em seus livros servem como símbolo de autenticidade, mesmo que elas possam ser manipuladas para enganar tanto quanto autenticar. Porém, para ele, somos mais crédulos quando se trata das imagens do que das palavras, e assim, as fotos parecem dar um sentido de veracidade ao que está sendo narrado. A forma como o autor explora essa questão da facticidade e veracidade do que está sendo narrado em seus textos se apresenta como um desafio ao leitor e, mais ainda, põe um problema central à literatura: a questão ética da verdade da ficção. Para Sebald, tal questão se relaciona com o problema da memória: a dificuldade de se confiar na memória é a mesma que a de confiarmos no que está sendo narrado. Mescla de fatos verdadeiros com ficção, a escrita de Sebald não só trata da memória como coloca em jogo seu funcionamento na própria forma da escrita. Tais paradoxos se tornam ainda mais complexos quando se trata de narrar os fatos considerados irrepresentáveis, como a Shoa, e o modo como Sebald resolveu tratar disso em seus livros mostra sua resposta a tais questões. Mostrarei nesse trabalho como Sebald se alinha, em algumas questões, às reflexões de Musil e Coetzee sobre o fazer literário e o dever do poeta, e como isso aparece na sua escrita ficcional, através desse caso paradigmático da *Shoa*, mostrando que a verdade da ficção não é algo que se dá de modo palpável, e sim através de sua construção que põe em jogo a capacidade poética que os antigos gregos denominavam *techné* e *mechané*, ou, no caso da língua alemã, no termo “Schwindel”, que faz parte do título do primeiro livro de Sebald.

Palavras-Chave: Realidade. Ficção. Verdade. Ética. Sebald.

23/08/2017 – QUARTA-FEIRA

15:30 – 17:30 – Prof. Dr. Ernani Mügge

7449 - A TEORIA DOS ANAGRAMAS DE SAUSSURE APLICADA AO ROMANCE LA LÉZARDE, DE ÉDOUARD GLISSANT

Isabela Ferreira Lima (UFJF)

Segundo a Teoria dos Anagramas do linguista Ferdinand de Saussure, os textos poéticos apresentam palavras, tais como nomes próprios ou o tema de determinada mensagem, de maneira anagramatizada. Nós partimos dessa perspectiva linguística buscando comprovar a importância da paisagem no romance *La Lézarde*, de Édouard Glissant, através da análise do sexto capítulo do referido romance. Saussure, através de sua Teoria dos Anagramas, buscava provar a existência de material fônico nas poesias gregas e latinas e, mais além, da importância semântica acarretada por esse material. Sua teoria propõe a existência de hipogramas, ou seja, palavras-temas que se manifestam através de anagramas e que proporcionam efeitos de sentido complementares ao sentido principal de determinado poema. A partir da Teoria dos Anagramas de Saussure, buscaremos mostrar a aplicabilidade dessa teoria na literatura martinicana, baseando nosso estudo no capítulo VI da primeira parte (*La Flamme*) do romance *La Lézarde*, de Édouard Glissant. Além disso, nos utilizaremos dos dados encontrados para ilustrar a importância da paisagem na literatura glissantiana, não só pelo contexto do romance, mas também pela produtividade dos anagramas. A escolha desse capítulo particularmente se deu pelo fato de apresentar um dos personagens principais do romance: o próprio rio, que empresta seu nome para o livro. O rio *Lézarde* não é mera paisagem, mas atua como personagem, ajudando a narrar a história e contribuindo ativamente, na cena climática do romance. Nesse sentido, o referido capítulo traz a descrição da paisagem que aparecerá ao longo de toda a história, concentrando-se, principalmente, no caminho percorrido pelo rio e em seu entorno. Encontramos inúmeros anagramas, perfeitos e imperfeitos, tornando inegável a relação semântica das palavras-temas com seus respectivos contextos. Dessa forma, provamos que a paisagem no romance está presente não somente no discurso superficial, mas também no texto sob o texto.

7458 - PROCESSO CRIATIVO EM *INFERNO PROVISÓRIO*, DE LUIZ RUFFATO

Ernani Mügge (FEEVALE)

Luiz Ruffato é um dos nomes em evidência na atual literatura brasileira, posição que resulta da qualidade de sua prosa, decorrente tanto da acuidade do olhar sobre a sociedade, cujas nuances pretendem ser deflagradas, quanto do tratamento linguístico dispensado ao texto. A partir da conjugação entre a impressão e sua concreção por meio da palavra, o leitor pode confirmar o posicionamento de que, por meio do processo criativo, o mundo empírico é reconfigurado, originando um texto que veicula seu conteúdo de maneira singular. O objetivo desta comunicação é precisamente refletir sobre o fazer artístico do

autor cataguasense, buscando, em *Inferno provisório*, bases que possam comprovar que a obra, para alcançar reconhecimento, não prescinde nem da sensibilidade do olhar de quem a concebe, nem do trabalho apurado com o texto. Assim, o foco estará direcionado, em um primeiro momento, para a identificação de recortes temáticos, para, em seguida, dirigir-se a recursos expressivos.

Palavras-chave: Luiz Ruffato. Processo Criativo. *Inferno Provisório*.

7217-DESSIMBOLIZAR, RESSIMBOLIZAR, SIMBOLIZAR: UM ESTUDO ACERCA DA POESIA BRASILEIRA RECENTE

Douglas Rosa da Silva (UFRGS)

No domínio da contemporaneidade, a poesia “dá liberdade para o olho” (AGAMBEN, 2009). Destarte, as correntes produções poéticas apresentam-se como textos múltiplos, estrelados, cuja constituição e leitura são dadas por intermédio da noção rizomática de sentido (DELEUZE; GUATTARI, 2000). Versos, estrofes e rimas aproximam elementos que, outrora, aparentemente eram inconciliáveis. A partir do exposto, este estudo elenca algumas das obras poéticas inscritas na contemporaneidade, de modo a evidenciar as distintas configurações que caracterizam a poesia brasileira recente. O enfoque metodológico do estudo é integralmente analítico-investigativo, em que a convergência das produções artístico-poéticas e do bojo teórico dá-se de modo pleno. No escopo do estudo, soblevam-se, especialmente, as obras poéticas de autoria de mulheres. A fundamentação teórica da investigação ancora-se nas teorias da modernidade na literatura, filosofia e outras artes – relevam-se, neste eixo, Guy Debord, Roland Barthes e Jacques Rancière – com o desígnio de refletir acerca do desmantelamento das fronteiras no ato de criação e execução poética. Entre o contraste e o ineditismo, entre a poesia slam e a poesia espetáculo, o show da imagem poética desestabiliza as zonas de equilíbrio e propõe espaços intervalares de produção. A poesia brasileira recente faz, desse modo, um movimento de indistinção, de indecibilidade, de difração no jogo que estabelece para os sentidos do texto poético. E o espectador-leitor, perante o inusual da linguagem, passa a compor, emancipadamente, o seu próprio poema. Conclui-se, doravante dos resultados pontuados acima, que a poesia brasileira contemporânea está atuante na prática da dessimbolização, da ressimbolização e da simbolização dos sujeitos situados entre a vida e a arte.

Palavras-Chave: Poesia Brasileira Contemporânea. Literatura e Outras Artes. Criação Poética.

7395 - DISCURSO CHARGÍSTICO: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA SUA PROBLEMATIZAÇÃO

Tamiris Machado Gonçalves (PUCRS)

A charge é um gênero que se constitui a partir de acontecimentos sociais que sejam contemporâneos a ela. Assim sendo, faz-se oportuno o questionamento de

como se dá a construção dialógica de sentidos, considerando a diversidade de vozes que atravessam charges tidas como polêmicas por carregar tonalidades de intolerância. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é examinar de que forma diferentes vozes sociais que atravessam charges com discurso intolerante se engendram e refletem e refratam sentidos. Delimitou-se como recorte de pesquisa uma charge de um cartunista brasileiro, veiculada na mídia em 2015. Como embasamento teórico, recorre-se às ideias postuladas por Bakhtin e seu Círculo, especialmente os conceitos de gêneros discursivos, signo ideológico, acento de valor e vozes sociais. Muito mais do que a descrição ou a classificação do gênero charge, investiga-se a atividade enunciativa que o constitui: quais recursos são mobilizados para a edificação de seus sentidos; como se dão as relações dialógicas entre a charge e os enunciados anteriores que com ela dialogam para se constituir como gênero na cadeia da comunicação discursiva; como a charge se localiza em nossa cultura, procurando reconhecer as diferentes manifestações dessa forma de arte, bem como compreendê-la como prática social que permite refletir acerca da cultura em que os sujeitos estão social e historicamente inseridos. Para isso, os elementos constitutivos da charge são abordados na relação com sua face social, a fim de perceber suas implicações culturais, bem como suas projeções discursivas. Quanto mais se pensar sobre as relações existentes entre tudo aquilo que constitui a charge, em tensão com as situações sociais que a motivam, mais se conhecerá sobre seu funcionamento.

Palavras-Chave: Produção e recepção do discurso. Construção de sentidos. Charge jornalística. Teoria bakhtiniana.

7434 - ORALIDADE, PERFORMANCE E RECEPÇÃO: A PRESENÇA DA VOZ NA FORMAÇÃO DE LEITORES DE LITERATURA

Andrea Denise de Camargo (UNIRITTER)

O presente artigo propõe uma reflexão acerca das relações entre oralidade, escrita e performance na leitura do texto literário, evidenciando o papel do professor como agente mediador nos processos de formação do aluno leitor de literatura de forma a contemplar a atividade oral como recurso nesses processos cognitivos de formação. No processo histórico de evolução da nossa sociedade, as manifestações orais têm desempenhado um importante papel, resultando numa diversidade de narrativas que, durante muito tempo, tiveram sua apreensão pela percepção auditiva, não escrita. Logo, a recepção do texto literário não se dava por meio da leitura silenciosa do texto escrito, hábito desenvolvido posteriormente, a partir da necessidade de registro. A leitura literária, portanto, é um fenômeno vivo, exigindo do professor atenção à vocalidade da palavra, diferenciando a voz poética da escrita. Nesse contexto, o artigo propõe uma discussão sobre a dimensão performática da leitura, revisitando os estudos de Paul Zumthor, que considera a performance oral como um momento da recepção do texto literário, reintegrando a ela o conjunto de percepções sensoriais por meio do uso da voz, lugar simbólico de ruptura da clausura do corpo (Zumthor, 2014), atentando para o alcance da social da voz resultante dos efeitos da voz humana performatizada.

Palavras-chave: Literatura. Voz. Oralidade. Performance. Recepção.

A ARTE DE RE/DESFIZER O CORPO E O MORRER EM VIDA EM VIVÊNCIAS TRANSGÊNERAS

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão F^o (ABHR / UFSC)

Como articular em uma apresentação questões referentes à corporalidade, literatura e arte? Um caminho possível seria o de pensar a reinvenção do corpo de pessoas transgêneras como arte de si ou campo de obras religioso a partir de igrejas evangélicas. Essa arte não se dá sem tensões: se por um lado há pessoas transgêneras que adequam sua aparência a sua essência ao serem empoderadas por determinadas igrejas evangélicas (minoritárias), há de modo geral resistências a tais re-existências. Um dos ambientes em que estas recalcitrâncias marcadamente transfóbicas emerge está nas igrejas evangélicas que se articulam a ministérios de “cura, restauração e libertação” de pessoas não-cisgêneras e pessoas não-hétero, e que arquitetam estratégias de engenharia reversa (ou seria melhor dizer perversa?) de gênero e sexualidade. Tais movimentos violentos têm se enraizado, como é possível imaginar, em leituras fundamentalistas e descontextualizadas sócio-historicamente da Bíblia e, é minimamente plausível pensarmos, dá suporte – dentro de um dispositivo com base na binariedade e cisheteronorma – não só a concepções, como a práticas transfóbicas que, levadas a extremos, podem por exemplo levar à morte em vida (ou morte subjetiva), à internalização da transfobia ou a dores d’alma que reverberam em suicídios e, ainda, ao assassinato de pessoas transgêneras, dentre elas, as travestis. Tais questões, relevantes em tempos temerosos de falácias como a “Escola Sem Partido”, a “cristofobia”, a “ideologia de gênero” e a “cura gay/trans”, merecem atenção e diálogos, aos quais estão todxs convidadxs.

7595 - POLÍTICAS LINGUÍSTICAS: ENTRE A VIDA E A ARTE

Cristine Gorski Severo (UFSC)

Essa apresentação visa aproximar as áreas de Linguística e Literatura em torno da Política Linguística tomada como eixo articulador e agregador de diálogos. O distanciamento entre as duas áreas pode ser compreendido pelo “objeto” que ambas reivindicam: enquanto a Linguística tem se ocupado de enunciados cotidianos, a Literatura tem se devotado aos enunciados estéticos. Temos, aqui, uma configuração aparentemente dicotômica entre mundo da vida e mundo da arte (Bakhtin, 1919), como se ambos não tivessem obrigação de se articularem mutuamente. Compreendemos que os enunciados ficcionais – pelo triplo distanciamento que produzem em relação ao autor, contexto e ao leitor – assumem uma certa autonomia que se torna condição necessária para uma re-criação do mundo e re-interpretação de si diante do texto (Ricoeur, 1981). Nesse âmbito, o texto ficcional assume uma potência ética e política capaz de levar os

sujeitos a processos de ressignificação e ressubjetivação. Na esfera do mundo da vida, a língua tem ocupado papel político central no contexto das problematizações e das resistências em políticas variadas, como aquelas voltadas para as oficializações, valorizações governamentais e de patrimonialização da diversidade linguística. Acreditamos que Linguística e Literatura podem estabelecer diálogos profícuos e engajados em torno de reflexões políticas sobre a língua, seja no âmbito estético, seja no contexto dos usos concretos e cotidianos. Tais diálogos são perpassados tanto pela ressignificação daquilo que conta como “estético” no mundo da vida, como pela aproximação da arte com a construção de um mundo político plurilíngue e internamente dialogioizado.

Palavras-Chave: Arte. Vida. Poder. Literatura. Língua.